

## Negros Carnavais – A cultura política da liberdade na Corte

Eric Brasil Nepomuceno\*

### Resumo

Este trabalho pretende analisar a participação da população escrava, liberta e negra livre pobre no Carnaval carioca da década de 1880. Assim como entender suas relações com o processo de Abolição da escravidão e sua influência nas formas de luta por cidadania na Primeira República, analisando os conflitos e os embates entre os vários projetos de nação existentes. Estudar o carnaval é uma forma de analisar outras estratégias de um grupo social, formado por escravos, libertos e seus descendentes, que viveu o momento de crise de um modelo e que tentava pelos mais variados caminhos obter a liberdade e o reconhecimento de seus direitos.

**Palavras-chave:** Carnaval, Abolição, Rio de Janeiro

### Abstract

This work proposes to analyze the participation of slave, freed, and free colored population in Carnival of Rio de Janeiro in the 80's of nineteenth century, as well as understanding the relations with the abolition process, and its influence on the struggle for citizenship in the Brazilian First Republic, analyzing the conflicts among various nation projects. Studying the Carnival is a way of analyzing other strategies of a social group, made of slaves, freed and their offspring, who lived in a moment of overthrow of a slavery model, that try by many ways to get the freedom and gain the recognition of their rights.

**Keywords:** Carnival, Abolition, Rio de Janeiro

A sociedade brasileira, no último quartel do século XIX, passou por incontáveis conflitos e tensões. A principal transformação neste período, que alterou profundamente relações sociais, políticas e jurídicas no Brasil, foi a Abolição da escravidão em 13 de maio de 1888. A partir da lei de 28 de setembro de 1871, a “lei do Ventre-livre”, a sociedade escravista entraria em declínio e esse processo se intensificaria na década de 1880.

Anualmente, nos três dias de Momo, encontramos uma festa que se apresenta como palco onde os conflitos gerados por esta conjuntura são potencializados e ampliados: o carnaval das estreitas ruas do centro do Rio de Janeiro também vai ser um dos caminhos pelos quais diversos grupos irão atuar, visando colocar em prática seus projetos para o Brasil.

E neste carnaval, empolgante e colorido, que faz as ruas do centro do Rio convulsionarem-se como se fossem fender (nas palavras de João do Rio, 2007), é gritante (e dançante) a participação da população escrava, liberta e de negros livres pobres. Portanto, analisar como esta população negra participa do carnaval ao longo dos anos em que estão

---

\* Bolsista do Cnpq de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense.

vivenciando as diversas frentes de disputa em torno da “questão servil” e lutando para impor suas visões de liberdade (CHALHOUB,1990 e MATTOS, 1995), é de fundamental importância para entendermos melhor o processo de abolição da escravidão. Assim como a História e os significados do carnaval, e as suas relações com a liberdade.

Grupos de mascarados unidos em torno de um Zé-Pereira, contendo alguns capoeiras, alguns escravos, muitos libertos e livres causava medo em jornalistas e autoridades policiais: eles ali exerciam certa autonomia e expressavam desejos individuais, muitas vezes de forma anárquica, associavam escravos e livres, ou conseguiam dinheiro abastecendo os foliões com limões-de-cheiro, alimentos, água; estes, bêbados de liberdade, cantavam e dançavam e faziam política num carnaval com sentidos próprios.

Portanto, é possível perceber, pairando – repleto de conflitos e tensões internas e externas – no carnaval carioca a expressão de uma cultura política da liberdade construída anualmente pela população de cor, que, dividindo experiências, um passado comum, criou e lutou em torno de um objetivo central: a liberdade, segundo suas próprias visões, além de projetar para o futuro, ainda muito incerto, sua participação na nação e na cidadania brasileira.

Mas, como esses grupos participavam da festa carnavalesca? Quais as formas mais utilizadas? Quais os sentidos, expectativas e objetivos de escravos, libertos e negros livres ao sair para a festa? Qual a imagem que os jornalistas e autoridades possuíam acerca dessas práticas? Essas problemáticas se tornam ainda mais significativas no contexto tumultuado das duas últimas décadas de vigência da escravidão na Corte. Período de reorganização das relações sociais, dos embates entre diferentes projetos de nação e em torno da questão da cidadania e da liberdade.

Tais questões estão sendo trabalhadas na minha pesquisa de mestrado, que se encontra em fase inicial. Neste texto, utilizando o jornal a *Gazeta de Notícias* (nos anos de 1878-1880, 1883 e 1885-1888), vamos tentar entender os significados de usar uma máscara e fantasiar-se de Diabo para escravos e negros livres.

Como perceber e descrever hoje uma cultura política da liberdade entre os escravos, libertos e negros livres que pulavam o carnaval nas ruas do Rio no final do século XIX?

Pretendo na análise das fontes, alternar as escalas de observação, partindo do micro ao macro e retornando para entender melhor as tensões entre liberdade individual e dominação social. Nas palavras de Giovanni Levi (2000), “toda ação social é vista como resultado de uma constante negociação (...), decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa”, esta realidade, entretanto, oferece possibilidades de “interpretações e liberdades pessoais”.

Cabe a nós, historiadores, definir as margens dessa liberdade dentro das brechas do sistema, definir os hiatos em torno de recursos simbólicos e materiais (MATTOS, 1995). Migrar constantemente do texto para o contexto, entender as categorias da época e testar sempre empiricamente os modelos interpretativos mais gerais são ótimas dicas que importantes historiadores nos deixaram de legado<sup>1</sup>.

O ponto de partida para essa pesquisa são os jornais da cidade, que, na década de 1880, tiveram profunda ligação com o carnaval. Seja porque muitos de seus autores eram membros das Grandes Sociedades, seja porque adquiriram grande prestígio e importância na própria legitimação da festa e de muitos grupos, os jornais são uma fonte riquíssima para o estudo do carnaval.

Com uma rápida leitura desses jornais logo descobrimos as descrições do carnaval e das grandes sociedades. Porém, com uma análise mais cuidadosa descobrimos os conflitos e tensões que se intensificavam nos dias de Momo. Prisões, crimes, decretos policiais, fugas de escravos, advertências e reclamações de moradores.

Para essa análise usei como fonte a *Gazeta de Notícias*<sup>2</sup>. Analisei os exemplares do Domingo de carnaval até a quinta-feira da mesma semana. O que salta aos olhos na primeira leitura desses jornais são os recorrentes anúncios da morte do carnaval carioca. Ano a ano, os jornalistas da *gazeta de notícias* descreviam os dias de Momo como moribundos, sem graça, e duvidavam se no ano seguinte a festa tornaria a acontecer. Apenas os desfiles e bailes das Grandes Sociedades Carnavalescas faziam jus a festa de uma cidade que se pretendia civilizada.

Mas, por que o carnaval estaria sempre com um “pé na cova”? Para muitos dos jornalistas que escreviam para a *Gazeta de Notícias*, o carnaval verdadeiro e civilizado – representado pelos préstitos das Grandes Sociedades – estaria sucumbindo frente ao “temido” carnaval das ruas<sup>3</sup>. O jogo do entrudo, o ataque às cartolas, os diabinhos, os cucumbis, enfim, todas as práticas carnavalescas empreendidas por grupos subalternos e, sobretudo negros e mestiços nas ruas cariocas sofreram um intenso combate. Como nos mostra Maria Clementina Cunha (2002), “a medida que a tensão social e política cresce nos anos 1870 e (...) 1880,

---

<sup>1</sup> Exemplos práticos dessa estratégia: THOMPSON, E. P. **Senhores e Caçadores: a origem da Lei Negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, e **A Formação da classe operária inglesa I A Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986. MATTOS. Op.cit. ABREU. op.cit. SOARES, M. C. **Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão**. Rio de Janeiro, século XVIII. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>2</sup> Biblioteca Nacional, seção de Periódicos.

<sup>3</sup> CUNHA. Idem. Expressão usada pela autora para contrapor o carnaval defendido pelas grandes sociedades ao praticado por outros grupos nas ruas cariocas.

pode-se notar uma mudança sensível de tom em um debate no qual os limites da brincadeira tornavam-se o tema principal.” E uma série de projetos pedagógicos e homogeneizadores irão ganhar força dentro do carnaval, visando a “desqualificar qualquer prática que fugisse ao padrão eleito como civilizado” (p.383)

O objetivo, além de controlar a festa era o de moldar o povo brasileiro. No dia 4 de março de 1878, a *Gazeta de Notícias* trás um relato indignado do que havia sido o Domingo de carnaval da Rua do Olvidor. O jornalista reclama da multidão que, não contente em parar o trânsito, provocava as pessoas, atacava com bisnagas de água e com “instrumentos de dimensões muito maiores”! A solução, para ele, seria a atuação de praças de cavalaria, para impor a ordem”.

E, como que utilizando a mesma combinação de tipos móveis do ano anterior, a *Gazeta de Notícias* da Terça-feira Gorda de 1879, lamenta o que viu no domingo de carnaval, “nesta cidade, que durante um ano se presume com foros de civilizada, foi uma verdadeira vergonha, um inaudito escândalo”.

Essas duas citações apresentam importantes elementos da visão de jornalistas e autoridades sobre a participação da “multidão” no carnaval. Ela é sempre associada a confusão e desordem. Daí a comum exigência de atuação mais incisiva da polícia para conter o povo. O Estado – através da polícia – deveria interferir, controlando as práticas carnavalescas empreendidas pela *multidão desordeira* e assegurar a tranquilidade para que as *famílias* pudessem brincar o carnaval civilizadamente.

É importante ressaltar que, apesar do anúncio anual do falecimento do carnaval, as páginas da *Gazeta* trazem uma enorme quantidade de notícias e relatos de práticas que envolvem “multidões” de foliões, anúncios de venda de fantasias, máscaras, bisnagas e cera, aluguel de instrumentos para Zé-pereira, e de sacadas na Rua do Olvidor para os três dias de Momo.

Esta contradição (entre a “morte” e a pujança nas páginas do mesmo jornal) reflete muito bem as tensões entre os diversos carnavais e os diversos projetos para o povo e a nação que agitavam a sociedade brasileira nas últimas duas décadas da escravidão, sobretudo na Corte.

Entretanto, não eram nos editais ou nos anúncios que escravos, libertos e negros livres pobres apareciam com mais frequência no jornal durante o carnaval. O espaço onde a população de cor era mais numerosa era na coluna *Occurencias da rua*.<sup>4</sup> Ali os distúrbios, as

---

<sup>4</sup> *Gazeta de Notícia*, anos 1878, 1879, 1880.

prisões, os crimes, as “desordens” eram relatadas. Esta é uma das seções do jornal em que os foliões são nomeados e muitas vezes têm a cor de sua pele revelada. Encontrei referências a *preto*, *pardo* e *crioulo*, além da condição de escravo, que implica a ascendência africana. E na maioria dos casos o silêncio sobre a cor permanece.

É justamente nas *Occurencias da Rua* que alguns tipos do carnaval das ruas cariocas ganham destaque e, mais do que isso, suas origens sociais são representadas com cores mais nítidas: sobretudo os *Máscaras Avulsos* e os *Diabos*.

A *máscara* tornava-se uma possibilidade individual de subverter a ordem, no sentido de ocultar a condição social do mascarado. Ao mesmo tempo em que esconde, ela liberta, seja através das sátiras e pilhérias, seja através das possibilidades de circulação mais livre. O *máscara avulso* ameaçava a hierarquia social brasileira, baseada principalmente na identificação dos indivíduos, e qual sua condição social, nas suas redes de relações.

Segundo a *Gazeta* de 4 de março de 1878, “nenhum máscara se apresentou digno de menção”<sup>5</sup> naquele domingo de carnaval. E na segunda do carnaval de 1880 “Máscaras avulsos sujos e sensaborões pretenderam impor-se a atenção de um público que parecia esperar muito mais”<sup>6</sup>.

Portanto, a máscara carnavalesca quando usado por escravos trazia sentidos muito diferentes dos sentidos de um baile de máscaras no Salão do *Club do Fenianos*.<sup>7</sup> A máscara de um escravo pode, por alguns instantes, libertá-lo das correntes sociais brasileiras. Fazer com que ele não seja julgado e discriminado pela sua pele negra. Trazê-lo para mais perto do ideal incolor da cidadania brasileira defendida no século XIX.

Mas essa não seria uma tarefa fácil para eles. Suas práticas carnavalescas continuavam *ameaçando* muitas autoridades, intelectuais e senhores.

Um olhar mais atento sobre uma fantasia em especial pode nos ajudar a entender outros caminhos e sentidos da liberdade no carnaval de escravos, libertos e negros livres pobres. A fantasia carnavalesca que mais aparece adjetivada com os termos escravo, pardo, crioulo e preto na *Gazeta de notícias* é a de *Diabo*. As referências aos diabos e aos diabinhos é incrivelmente superior a qualquer outra fantasia, sobretudo nas páginas das *Occurencias da rua*. Apenas nos anos de 1883 e 1885, foram relatadas 56 prisões de diabos. As acusações eram quase sempre desordem e capoeiragem.

---

<sup>5</sup> *Gazeta de Notícias*, 04/03/1878.

<sup>6</sup> *Gazeta de Notícias*, 09/02/1880.

<sup>7</sup> Os Fenianos eram uma das três Grandes Sociedades Carnavalescas mais importantes do período. As outras duas eram o Club dos Democráticos e os Tenentes do Diabo. Para mais informações ver CUNHA. *Ecos da folia...* op.cit.

Esses *diabos*, para tristeza dos jornalistas da *Gazeta*, eram a manifestação carnavalesca mais popular nas ruas cariocas, sobretudo entre os escravos, libertos e negros livres pobres. Nas palavras lamuriosas da *Gazeta* do Domingo de carnaval de 1883, “o Zé Povinho quase só tem uma manifestação no carnaval: o diabinho encarnado”.<sup>8</sup>

As *ocurrencias da rua* publicadas na quarta feira de cinzas do carnaval de 1883 nos dá uma boa dimensão da imagem dos jornalistas sobre os *diabinhos*, mas também abre várias outras questões. Desde já peço desculpas ao leitor por citação tão extensa, mas acredito que ela é fundamental.

*os diabos, isto é os capoeiras por essa forma fantasiados, continuaram anteontem a praticar diabruras.*

*Na Rua da Quitanda, esquina da do Visconde de Inhaúma, feriram gravemente no peito com uma punhalada o crioulo Justino, escravo do comendador Luiz José da Silva Guimarães o qual foi recolhido ao hospital da Misericórdia.*

*Na Rua Primeiro de Março na frente de um Zé Pereira, recebeu diversos ferimentos o crioulo Quintino José Gonçalves de Souza, sendo preso o autor da ofensa, que era o diabo, crioulo João de Souza.*

*O de nome José Francisco Pinheiro, armado de um grande porta-voz, na Rua Senador Pompeu, ofendeu a diversas pessoas, pelo que foi recolhido ao xadrez.*

*A crioula Maria da Felicidade da Conceição seguiu o mesmo destino, por estar promovendo desordem na rua General Caldwell, estando também caracterizada de diabo.*

*Um numeroso grupo dos tais diabos e diabinhos invadiu a loja de charutos da rua dos Andradas, n. 26 e depois de espancaram ao dono da mesma, Januário Joaquim Menezes, e a José Rodriguez de Carvalho, que ali se achava, passaram a inutilizar diversos objetos, roubar charutos e o mais que encontravam a jeito. A polícia conseguiu apenas prender o chefe do grupo, que era Manoel Jacinto Nunes.*

*Um outro grupo, vendo que eram recolhidos alguns companheiros a estação do 4º distrito, pretendiam invadi-la para soltá-los. Esse grupo era capitaneado por um sargento do exército, que foi preso e remetido para o seu quartel.*<sup>9</sup>

Esta longa citação desperta diversas problemáticas intrigantes, logo, acredito que ela esteja justificada. Na primeira frase do texto, o jornalista diz que os diabos são na verdade capoeiras fantasiados. Dando a entender que esta fantasia era característica desse grupo, e conseqüentemente, que qualquer diabo que participasse do carnaval das ruas, estaria sob suspeito de ser um capoeira.

Segundo Carlos Eugênio Líbano Soares (2002), as festas eram um espaço onde as maltas de capoeira exibiam publicamente suas habilidades, e, sobretudo o carnaval, se apresentava como um lugar propício para resolver contendas, afirmar o poder das maltas e impor respeito. Os anos 1870, sugere o autor, marcam uma politização explícita da capoeira na Corte, com o crescimento das idéias abolicionistas, alianças com membros da elite branca,

<sup>8</sup> Gazeta de Notícias. 04/02/1883.

<sup>9</sup> Gazeta de Notícias. 07/02/1883.

mas também como fruto do contexto da guerra do Paraguai, onde muitos capoeiras lutaram e, ao regressarem, inflaram suas maltas de ousadia.

Esse processo se dá ao mesmo tempo em que o carnaval se torna a principal festa carioca, suplantando mesmo as festas religiosas. Era um momento propício para esconder-se por trás de *diabos* entre a multidão e “ocultar-se dos agentes da ordem, realizar com maior segurança as vinganças pessoais (...) e exprimir rivalidades”(SOARES, 2002. p.303).

Essa afirmativa nos leva a segunda questão suscitada por nossa fonte: a punhalada que levou no peito o crioulo Justino, que era escravo de um Comendador. Não temos mais informações do que estas; nem quem agrediu nem os seus motivos. Então, que conclusões podemos tirar desse episódio? Poucas, é verdade. Mas é importante notar que um crioulo, escravo de um comendador, participou e protagonizou uma contenda entre fantasiados no Carnaval. Quais as rivalidades e conflitos estariam presentes nesse caso? Ainda não podemos responder.

O terceiro caso narrado pelo jornal proporciona uma análise um pouco mais profundo das práticas carnavalescas de escravos, libertos e negros livres pobres. O crioulo Quintino José de Souza foi agredido diante de um Zé-Pereira pelo *diabo crioulo* João de Souza. Aqui surge um novo elemento para nossa análise: o *Zé-pereira*. Segundo Maria Clementina Pereira Cunha (2002), esses grupos, no final do século XIX, com suas *pancadarias* (bumbos, caixas, etc.), tinham a capacidade de aglutinar foliões pobres, sobretudo negros e mestiços. Em suas palavras, o zé-pereira era um “ímã que atraía alegremente desclassificados de todo o tipo (...) aglutinava em torno da música e do ritmo variados foliões avulsos e brincadeiras de rua” (p.395 e 401).

Num momento de desorganização das formas de dominação senhorial, os Zé-pereiras representavam uma ameaça não apenas para o carnaval civilizado. Eles proporcionavam a mobilização e a formação de identidades entre grupos que estavam em grande parte excluídos da nação ideal proposta por muitos jornalistas e autoridades. Ali se mesclavam escravos e libertos, negros livres, mestiços e também brancos pobres. Nos anos de indefinição de 1870 e 1880 na Corte, os Zé-pereiras representaram um espaço de convívio e mobilização de muitos praticantes de carnavais desconsiderados pelas elites.

Conflitos não apenas com a esfera do poder do estado, mas ali encontramos conflitos internos, rivalidades, solidariedades múltiplas. A luta entre o crioulo Quintino e o *Diabo crioulo* João são um bom exemplo disso.

Não só de agressões físicas os diabos são acusados. As pilhérias e ofensas verbais eram práticas comuns desses foliões. Como a prisão do *diabo* José Francisco Pinheiro nos mostra bem.

Outro ponto diferencial desta fonte é a notícia da prisão de uma *Diabinha*, a crioula Maria da Felicidade da Conceição. Sua prisão foi por promover desordem. Não saberemos agora como se desenvolveu o caso, mas é representativo que uma mulher crioula também usasse essa fantasia para brincar o carnaval e se colocar na sociedade.

Por último temos o relato de *diabos e diabinhos* agindo em grupo. Atacando lojas, praticando assaltos. E ainda por cima têm a audácia de enfrentar a polícia para tentar libertar os *companheiros* detidos. As solidariedades e identidades de grupo se fortaleciam nos momentos de maior tensão.

Para concluir vale dizer que “Durante a noite foram ainda recolhidos a diversas estações 41 diabos, que em diversas ruas faziam distúrbios.”<sup>10</sup> E que “na freguesia de Santana, todos os diabos que eram encontrados eram revistados, e como sinal cortavam-lhes a calda.”<sup>11</sup> Me pergunto o orgulho daqueles diabos encarnados que mantiveram suas caldas intactas até o dia amanhecer.

Podemos concluir, então, que as batalhas pelo direito de festejar mobilizaram tanto os escravos quanto os anseios por uma família, uma roça. Ao longo de todo período escravista no Brasil, a festa foi almejada como mais um componente da luta pela autonomia e um ponto formador de muitas visões de liberdade compartilhadas pela população de cor.

Nas duas últimas décadas de escravidão na Corte, uma festa despontava como a mais importante. Era o carnaval. Que ao invés de promover homogeneização de práticas e sentidos, criava um palco onde as tensões e hierarquias eram vivenciadas e discutidas por variados atores sociais. Como nos chama atenção Robin Moore (1997), o carnaval não pode ser entendido fora de seu contexto; “seus significados e associações podem mudar radicalmente de um mês ou ano para o próximo ou de uma década para a próxima em resposta às agendas de diversas facções étnicas, de classe, governamentais entre outras.” Ele não representa um único objeto pelo contrário, o carnaval é múltiplo “veste muitas máscaras. Ele representa um texto que pode ser ‘lido’ de várias maneiras e entendido (disputado) de acordo com os desejos e aspirações dos vários interlocutores” (p.85).

Por conseguinte, nos anos mais agudos da crise do escravismo brasileiro, o carnaval era ainda mais polifônico e polissêmico. Tornou-se uma festa negra que expressou as lutas

---

<sup>10</sup> Gazeta de Notícias. 07/02/1883.

<sup>11</sup> Idem.

cotidianas pela liberdade e autonomia e também discutiu de diversas maneiras as fronteiras da nação e da cidadania na passagem para a liberdade e para a República. E grande parte dos grupos que ganhavam as ruas nos dias a ele consagrados, “usavam dispositivos dramáticos, simbólicos e materiais” (REIS,2002) de matriz africana. Mas não apenas isso. Agiram para ampliar espaços de autonomia e liberdade ajudando a corroer os alicerces da escravidão brasileira, além de desenvolverem práticas e significados que seriam usados por muito tempo como caminho de exercício da cidadania.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha Campos. *O Império do Divino*. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

\_\_\_\_\_. (org.) *Carnavais e outras f[r]estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Ed. Da Unicamp, CECULT, 2002.

FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro, Modernidade e Dupla Consciência*. Rio de Janeiro: UCAM/Ed.34, 2000.

JOÃO DO RIO. *A Alma Encantadora das Ruas: crônicas*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

LEVI, Giovanni. “Introdução”. IN: *A herança imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MATTOS, Hebe Maria. *Das Cores do Silêncio. Os significados da liberdade no sudeste escravista (Brasil, séc. XIX)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

MOORE, Robin. “Comparsas and Carnival in the New Republic: Four decades of cultural controversy”. IN: *Nationalizing Blackness: afrocubanismo and artistic revolution in Havana, 1920-1940*. University of Pittsburgh Press, 1997.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004.

REIS, João José. "Tambores e Temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX" In Maria Clementina P Cunha (org.). *Carnavais e outras F(R)estas. Ensaios de história social da cultura*. Campinas: UNICAMP, 2002.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. “Festa e violência: os capoeiras e as festas populares na Corte do Rio de Janeiro (1809-1890). In Maria Clementina P Cunha (org.). *Carnavais e outras F(R)estas. Ensaios de história social da cultura*. Campinas: UNICAMP, 2002.